

Psicanálise vincular e o elogio aos impasses teórico-clínicos

Contribuições de Janine Puget para a compreensão das desilusões na clínica psicanalítica contemporânea

Bruna Bortolozzi Maia,¹ Ribeirão Preto
Manoel Antônio dos Santos,² Ribeirão Preto

Resumo: Com este estudo teórico-reflexivo, os autores objetivam dialogar com as contribuições de Janine Puget para a compreensão das desilusões geradas pelos impasses teórico-clínicos contemporâneos com os quais nos deparamos na clínica psicanalítica. As principais linhas de força do pensamento dessa autora concernem à crítica da insuficiência de alguns conceitos clássicos da psicanálise, que ela redimensiona a partir da perspectiva vincular, e aos traumatismos sociais que transbordam na clínica, dando novos contornos à constituição subjetiva. Os autores concluem com duas das contribuições mais potentes de Puget: o elogio à crise, que se traduz nos impasses teórico-clínicos que vivenciamos e que, segundo a autora, devem ser reelaborados como alimento do pensamento psicanalítico, e o enaltecimento da diferença e da curiosidade, a partir do pressuposto de que o saber sobre o inconsciente é sempre não todo e tem caráter de construção provisória e impermanência.

Palavras-chave: vínculo, trauma, escuta psicanalítica, psicanálise das configurações vinculares

Introdução

Neste estudo apresentamos um percurso teórico-reflexivo para articular os desafios que atravessam o campo da clínica psicanalítica atual, com ênfase nas questões do sofrimento contemporâneo face à imprevisibilidade constitutiva do fazer clínico. Dialogamos com as contribuições de Janine Puget para a compreensão das desilusões geradas pelos impasses teórico-clínicos

1 Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. Membro do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde (Lepps).

2 Professor titular do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. Coordenador do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde (Lepps).

contemporâneos com os quais nos deparamos no cotidiano da clínica e que, se não forem bem compreendidos, podem alimentar experiências de fracasso no processo analítico.

Segundo Birman (2019), a pós-modernidade é marcada pela impossibilidade de sustentar a alteridade nos laços sociais e registros individuais e coletivos, fragilizando as instituições sociais e fazendo-as perder consistência na promoção dos processos de mediação de demandas pulsionais. Repercutindo essas transformações, a partir da década de 1970 a psicanálise reformulou a discussão teórica do campo do narcisismo, considerado uma condição fundante do psiquismo a ser repensada em face do lugar anteriormente atribuído ao complexo de Édipo. Concomitantemente, no campo das humanidades – em especial das ciências sociais e da filosofia política – começou a se debater a decadência do espaço público, a expansão e hipertrofia do privado em detrimento do bem comum, o esgarçamento das fronteiras da intimidade e a cristalização da cultura do individualismo em tempos de narcisismo triunfante.

Diante do cenário brasileiro contemporâneo, cabe questionar se não estaríamos também vivenciando nossa própria versão dos “tempos sombrios”, expressão que tem raízes no pensamento de Hannah Arendt (1963/2008) ao discutir regimes totalitários. Essa reflexão se torna especialmente relevante quando observamos a crescente polarização da sociedade, acompanhada por manifestações de violência e discursos de ódio cada vez mais utilizados como ferramenta de dominação política e gestão dos afetos das massas – clima que corrói um dos princípios éticos fundamentais da democracia: a capacidade de conviver com diferenças.

As transformações dos modos de produção da vida nas últimas décadas interpelam a constituição dos saberes e fazeres na clínica contemporânea. Inspirados na psicanálise das configurações vinculares e amparados em alguns conceitos criados ou redimensionados pelos psicanalistas argentinos Isidoro Berenstein (1932-2011) e Janine Puget (1926-2020), problematizamos a necessidade de reinventar constantemente o corpo teórico e clínico da psicanálise para responder aos desafios das (des)ilusões contemporâneas.

Desde suas primeiras elaborações, a teoria psicanalítica atravessou inúmeras encruzilhadas, que permitiram a construção de novos conceitos e fomentaram sucessivos giros copernicanos na compreensão do inconsciente. Não foram poucos os impasses que desafiaram Freud ao longo da construção do corpo teórico e técnico da psicanálise – evidenciados em textos seminais como o do caso Dora (1905/2010a) e o do Homem dos Lobos (1918a/2010b), assim como nas acaloradas discussões com colegas da chamada Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras e na sua extensa e prolífica correspondência, em que examinava ideias e dificuldades clínicas encontradas enquanto elaborava os alicerces conceituais psicanalíticos (Roudinesco, 2016).

É verdade que esses obstáculos estavam relacionados também à sua história de vida, entrelaçados no seu contexto sociocultural e horizonte epistemológico. Seu pensamento foi impactado pela eclosão da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), e mal havia cessado o conflito que devastou a Europa, logo em seguida testemunharia os horrores da pandemia da gripe espanhola, que dizimou milhões de pessoas, incluindo sua filha Sophie (Roudinesco, 2016).

Freud enfrentaria ainda o horror institucionalizado do Holocausto e as aflições do morticínio sem precedentes da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), cuja deflagração coincidiu com a progressão de um câncer de palato que enfrentou por mais de 15 anos (Gay, 1989). Esses eventos históricos e pessoais imprimiram marcas indeléveis no percurso de sua obra e, por conseguinte, na teoria psicanalítica (Roudinesco, 2016).

A psicanálise – ou as psicanálises, para sermos fiéis à pluralidade de teorizações pós-freudianas – nunca deixou de ser “filha de seu tempo”, pois se preocupa com a escuta e a singularidade do sofrimento que cada época engendra. Por isso, revisar o movimento de (re)construção teórica, clínica e investigativa torna-se um imperativo fundamental para o psicanalista sustentar sua postura ética diante do não saber, que está sempre posto quando nos encontramos diante dos inevitáveis impasses e das encruzilhadas colocadas pela clínica viva.

Esse tema é muito caro ao pensamento original de Puget,³ precursora com Berenstein do que viria a ser conhecida como psicanálise das configurações vinculares (Santos et al., 2017). Falecida aos 92 anos em setembro de 2020, Puget sublinhou, ao longo de sua extensa obra, a importância dos vínculos na constituição do psiquismo e no enfrentamento das ameaças de aniquilamento da subjetividade. Esse posicionamento teórico tem ressonância nas ponderações éticas que balizam a clínica psicanalítica, ao apontar para os três espaços psíquicos inextricavelmente articulados na produção de subjetividades. Berenstein e Puget (1993) os nomeiam como: *espaço intrassubjetivo*, que concerne ao sujeito e seus mecanismos egoicos e inconscientes; *espaço intersubjetivo*, interstício vincular que se dá sempre na presença de outro(s); *espaço transubjetivo*, que diz respeito às representações do mundo social e da realidade compartilhada, os quais engendram um sentimento de pertença sociocultural (Moguillanski & Nussbaum, 2011).

Puget dedicou parte substancial de sua obra à influência das rupturas sociais, em especial a partir da década de 1980. Esse conceito abarca os impactos dos movimentos de massa, as migrações forçadas, a degradação ambiental, os efeitos nefastos dos regimes totalitários, a economia de mercado no modo

3 Ao longo de sua jornada acadêmica e psicanalítica, Puget foi membro eminente da Associação Psicanalítica de Buenos Aires (APDEBA) e da Associação Psicanalítica Internacional (IPA), além de ser cofundadora da Associação de Psicologia e Psicoterapia de Grupos (AAPPG).

neoliberal altamente concentradora de renda, a reificação crescente do individualismo e a gestão massificada dos afetos e das incertezas na sociedade contemporânea obcecada pelo consumismo, entre outras questões candentes que “invadiam seu divã”, inclusive a pandemia de covid-19, que impactou a autora já no seu último ano de vida.

O que era, em sua origem, uma reação à invasão do trabalho da pulsão de morte se tornou um convite ao pensamento crítico, promovendo uma rigorosa reconstrução teórico-conceitual que reconfigurou uma clínica para além do intrassubjetivo, ainda que não tenha se desgarrado desse registro. Nas palavras da autora, “a crise é útil, pois é um dos signos que denunciam a falta ou as insuficiências de nosso modelo psicanalítico e, portanto, pode nos permitir tentar outras maneiras de conceber as relações entre as pessoas” (2011, p. 121).

Seguindo as pistas dessa assertiva, claramente a favor de uma compreensão não dogmática, no presente estudo buscamos mobilizar as contribuições de Puget e da psicanálise vincular argentina para refletir sobre alguns impasses que desafiam a clínica na atualidade e que frequentemente são geradores potenciais de desencantos e desapontamentos no fazer psicanalítico.

A originalidade da abordagem de Puget oferece ferramentas instigantes para pensarmos psicanaliticamente os desafios que nos interpelam no cotidiano, explorando aberturas e possibilidades de reconfiguração da prática clínica que possibilitem criar espaços para o sujeito do inconsciente poder (re)existir com base na criatividade, tendo na ética um eixo condutor da produção de vida.

Nossas reflexões sobre as contribuições da autora foram divididas em dois eixos, que se articulam na tecedura do pensamento pugetiano: 1) a consideração dos impasses teóricos, que, se não forem bem compreendidos, podem desencadear experiências de fracasso no processo analítico; 2) os desafios clínicos e as decepções com que a autora se deparou em seu longo percurso de elaboração teórica, culminando com sua tese de reconhecimento das insuficiências da clínica como potências.

Assim como identificamos na herança de Freud as marcas de sua história, a atuação clínica de Puget (sobretudo nas publicações a partir da década de 1990), sua faceta social e política como cidadã de seu tempo e seu diálogo franco com colegas e pares influenciaram profundamente sua maneira de conceber tais problemáticas.

Impasses teóricos: um olhar a partir dos vínculos

Puget (1995) argumenta que a psicanálise clássica muitas vezes privilegia a vertente das relações objetais e fantasias inconscientes, entre outros arcaísmos conceituais que evidenciam o intrapsíquico, muito embora podemos

identificar desde as origens uma ênfase na integração entre singularidade e coletividade no cerne da teoria psicanalítica. Essa articulação é patente em *Psicologia das massas e análise do eu* (Freud, 1921/2011) e pode ser encontrada em “Por que a guerra?” (Freud, 1933/2010d), breve texto que analisa as relações entre direito e poder, articulando-as com a produção da violência.

Puget (2011, 2017b) reconhece que Freud também se ocupa da questão da violência social em outros momentos marcantes de sua obra, muito além do breve texto produzido em resposta a Einstein, sobretudo em obras como *O futuro de uma ilusão* (1927/2014) e *Moisés e o monoteísmo* (1939/2018b).

Partindo das repercussões das ideias freudianas, Puget (2011, 2017b) argumenta que há limitações no destaque dado ao intrassubjetivo, como muitas vezes se observa em leituras de textos psicanalíticos. As proposições da autora foram concebidas em um contexto sócio-histórico similar ao de outros autores contemporâneos como crítica contundente a leituras que destacavam apenas espaços intra e intersubjetivos, subestimando as influências sociais nos sofrimentos psíquicos. Embora não estivessem em diálogo direto, podemos mencionar outros autores com propostas inovadoras, como René Kaës (2011) e Jacques Lacan (1953/1988) na França e Isildinha Baptista Nogueira (2021) e Neusa Santos Souza (2021) no Brasil.

Entre outras questões abordadas, fazendo coro com essas e outras referências, Puget e Berenstein (1993) refutam a convicção de que alguns temas relacionados ao mundo social não teriam espaço nas sessões psicanalíticas – argumento que desconsidera a noção de continuidade entre organização intrassubjetiva e psicologia social, além de ignorar que rupturas sociais e transubjetivas influenciam a singularidade dos sujeitos (Berenstein & Puget, 2008; Puget, 2011, 2017b).

Portanto, desde Freud a psicanálise não dá as costas para o social. Puget (2011) aponta que os conceitos psicanalíticos não são estáticos (nem poderiam ser), e que alguns significados e efeitos de sentido produzidos são epocais, ou seja, estão relacionados a concepções específicas do momento e das contingências temporais de seu desenvolvimento. Por consequência, é necessário manter o corpo teórico da psicanálise vivo, em consonância com o tempo histórico em questão (Santos et al., 2017).

Provocada por essa problemática, a autora desenvolve alguns conceitos basilares para um novo arcabouço teórico em construção pela psicanálise das configurações vinculares, especialmente na Argentina. Desde meados de 1950, a psicanálise do país foi profundamente influenciada por Pichon-Rivière (2009), que desenvolveu a concepção de vínculo a partir da confluência da psicanálise com o marxismo. O pensador suíço-argentino propôs uma concepção inovadora que compreende o vínculo como estrutura dinâmica que engloba sujeito, objeto e sua interação dentro de um processo grupal e dialético.

A partir dessa noção-chave, acrescida de ideias originais, Puget e Berenstein (2008) promovem, no contexto da América Latina, os fundamentos para uma teoria específica, definindo vínculo como um laço relativamente estável que une dois ou mais sujeitos do inconsciente *em presença* e involucra os processos psicodinâmicos que fazem esse laço se manter unido.

Para os autores (1993, 2008), duas modalidades de funcionamento psíquico estariam superpostas: uma, do aparato psíquico singular (a lógica do Um); e outra, do aparato psíquico vincular (a lógica do Dois). Ambas permanecem constantemente atuantes de maneira simultânea; ou seja, a lógica do Dois não implica deixar de considerar a lógica do Um. Entretanto, ao postular essa ideia e colocar as duas lógicas em superposição, acrescenta-se uma camada de complexidade à teoria psicanalítica, resultando no florescimento de novidades conceituais.

Com a colaboração de Berenstein, Puget acompanhava as tendências de seu contexto social e epistemológico na Argentina durante a turbulenta década de 1970. Nesse período, foram criados em Buenos Aires diversos centros de assistência à saúde mental voltados a demandas familiares: adoção, violência intrafamiliar, abuso sexual, entre outras problemáticas que marcaram o estudo dos vínculos na região (Moguillanski & Nussbaum, 2011). Na época, também estava em alta a ênfase estruturalista na psicanálise argentina, sob influência das ideias de Lévi-Strauss e Lacan – contexto que permeou o desenvolvimento, por Berenstein (1988), do conceito de estrutura familiar inconsciente (EFI),⁴ discutido por ele e Puget no livro *Psicanálise do casal* (1993), mas abandonado por ele na virada do milênio.⁵

Foi nesse caldo cultural que se deu o primeiro período de produção de Puget, muitas vezes com publicações em parceria com Berenstein, nas quais se destacava a importância atribuída à família na constituição subjetiva dos indivíduos, a partir da ideia de uma estrutura familiar inconsciente. Embora a dupla tenha mantido uma parceria frutífera até a morte de Berenstein, em 2011, já a partir da década de 1980 Puget começou a publicar e divulgar estudos originais, nos quais deixava à margem a herança estruturalista. A contribuição original de Puget se respalda no fato de ela ter sido uma mulher implicada em movimentos sociais, atuando no campo progressista e democrático, que compreendia a

4 Família é compreendida como sistema, não mais como mera soma de elementos individuais, mas considerando como esses elementos se articulam dinamicamente. De acordo com Kopitke (2021), esse sistema define a matriz simbólica inconsciente que sustenta as relações familiares, transmitindo e transformando as camadas de significações produzidas no seio da cultura. Portanto, a estrutura inconsciente dessas relações é a matriz de significados de um conjunto de vínculos – como casal, filiação, fratria, entre outros (Berenstein & Puget, 1993).

5 Além de psicanalistas como Pichon-Rivière e Lacan, a construção teórica de Puget e Berenstein (1993, 2008) também foi profundamente influenciada por autores da filosofia contemporânea, especialmente dos campos do marxismo e da fenomenologia, como Badiou e Lévinas.

memória como ato de resistência e justiça social – condição que inspirou diretamente sua clínica e impactou a elaboração de seus conceitos.

Ela passou a se preocupar sobretudo com a dinâmica das transformações psíquicas, o que a levou a pesquisar a mutabilidade que o vínculo impõe aos sujeitos e aos grupos, incluindo a família. A presença do outro seria disruptiva porque traz sempre a marca de uma diferença radical, que ela denomina *ajenidad*,⁶ inassimilável por não ser acessível à captura pela linguagem nem pelo aparato simbólico (2003).⁷ Para ela, esse é o ponto de apoio sobre o qual o vínculo se constitui, a partir do “fazer com”, ou seja, tecendo um trabalho vincular conjunto sobre essa diferença estruturante (Puget, 2000, 2003).

A autora argumenta que os encontros de dois ou mais sujeitos em presença têm potencial vinculante se e quando há um trabalho sobre a diferença e a *ajenidad*, um elaborar que é também um colaborar, isto é, trabalho conjunto e criativo. Quando não é possível sustentar a curiosidade ante a diferença, para dar abrigo ao estrangeiro que habita o sujeito, o trabalho vincular fica obstruído e o vínculo não se constitui, uma vez que o “fazer com” o outro fica impedido de realizar sua potência (Puget, 2000). Compreendemos assim que isso pode ser um processo defensivo diante do efeito perturbador provocado pela presença do outro, sempre imprevisível e limitador da fruição da plenitude narcísica (Maia & Santos, 2022; Santos et al., 2020).

Puget (2011) argumenta que olhar para a clínica do ponto de vista vincular torna insuficientes alguns conceitos consagrados da teoria psicanalítica, entre eles o de representação, já que não comporta os efeitos da presença nem das novas marcas que a presença impõe. A concepção clássica de representação faz referência sempre à possibilidade de representar sensações, traços e percepções do passado,⁸ uma forma de inscrevê-los e conservá-los no aparelho psíquico. A autora entende que o conceito de representação impede o acesso a dimensões como o “ir sendo” e o “ir pertencendo”, ambos em permanente movimento e transformação (Puget, 2003).

6 Optamos por grafar os conceitos de Puget em espanhol, como foram cunhados. Essa escolha se justifica pelo fato de não haver correspondentes semânticos exatos aos conceitos de *ajenidad* e *incertidumbre* em português, tampouco há consenso na literatura especializada a respeito de suas traduções.

7 Enquanto a diferença (ou alteridade) pode ser compreendida por complementaridade ou semelhança (Roudinesco & Plon, 1998), que é o modo como a diferença sexual se coloca nos textos de Freud (1905/2016) – permitindo que seja elaborada simbolicamente –, a *ajenidad* marca uma diferença radical, remetendo a um sentido que escapa e não pode ser recuperado por (ou para) nenhuma linguagem. *Ajenidad* é a margem inassimilável da experiência, aquele resto inescrutável e indefinível que precipita do sujeito dividido.

8 Laplanche e Pontalis (1998) definem representação como aquilo que forma o conteúdo concreto de um ato de pensamento a partir de uma percepção anterior. Freud (1915/2010c) atribui grande importância metapsicológica ao conceito, distinguindo-o em dois níveis: representação coisa, própria do sistema Inconsciente, e representação palavra, que ocupa o sistema Pré-Consciente/Consciente.

Por conseguinte, a compreensão psicanalítica do vínculo exige o desenvolvimento de novas concepções, como a *presentação*,⁹ revelada por indícios de uma presença que exige transformação e que, por não conseguir aceder à representação, se manifesta como da ordem de um excesso (Puget, 2003, 2015).

As figuras de *presentação* aparecem como indícios de transformação, de variação e impermanência, em consequência do constante deslocamento de sentido a que estão sujeitas. Um dos efeitos da *presentação* é o que Puget (2015) denominou *incertidumbre*. Para a autora, a diferença radical que se coloca a partir de cada encontro vincular produz uma novidade, que é da ordem de um acontecimento inusitado e sem precedentes, engendrando transformações em todos que constituem o enlace do vínculo. Por isso, todo vínculo pressupõe uma *incertidumbre*, um ponto de incerteza que precisa ser tolerado para a ligação libidinal se manter estável ao longo do tempo, imantando os laços sociais a partir da transformação operada em todos os envolvidos na trama vincular (Maia & Santos, 2022; Santos et al., 2020).

Inspirados pela visão estruturalista, Puget e Berenstein (1993, 2008) deram destaque, num primeiro momento, à dimensão estrutural do vínculo (estrutura familiar inconsciente) e à sua estabilidade enquanto força coesiva de ligação duradoura; num segundo momento, dedicaram-se principalmente a teorizar a importância da mutabilidade que o vínculo impõe a sujeitos e grupos, destacando o protagonismo da alteridade e da *ajenidad* – bases sobre as quais o trabalho vincular acontece (Puget & Berenstein, 2008).

A noção de mutabilidade do vínculo resulta dos desdobramentos de construções teóricas da psicanálise vincular influenciadas por diversas rupturas sociais que atravessaram as condições concretas de vida dos autores, além de impasses que enfrentaram em encruzilhadas clínicas num país latino-americano encravado na periferia do capitalismo. Na sequência, abordaremos alguns desses desafios em pormenor.

Incertezas no encontro clínico: a margem inassimilável da experiência

Ao longo de sua atuação clínica com grupos, famílias e casais, Puget deu-se conta dos efeitos que o presente compartilhado e a realidade social impõem em cada situação, criando e recriando produções subjetivas, especialmente perante experiências atravessadas por tensionamentos que se desdobram em violências sociais (Maia & Santos, 2022). Para a autora, “é impossível metaforizar a subjetividade social somente a partir do modelo

9 O conceito de *presentação* é inspirado em Badiou (1988/1996), que aponta a *apresentação* no contexto de seus estudos centrados na ideia de *acontecimento*.

de aparato psíquico singular, do corpo ou de modelos inerentes ao mundo infantil” (2011, p. 123).

Da percepção da insuficiência das matrizes teóricas clássicas emerge a necessidade de elaborar novos conceitos, como os que enunciamos anteriormente. Para Puget (2017a), ao enfrentar as dificuldades técnicas de nosso trabalho, nos deparamos com a necessidade de inventar novas hipóteses e criar vocabulários próprios para nomear novas situações, que se tornam visíveis quando abandonamos a ilusão de completude narcísica e a pretensão de estruturar um conhecimento totalizante. A ciência contemporânea rejeita a ideia de um saber capaz de abranger tudo e de maneira absoluta, pois reconhece a complexidade e mutabilidade do conhecimento.

Ao apontar as dificuldades técnicas do trabalho psicanalítico, Puget (2017b) refere-se a duas questões principais: 1) quando o analisando escancara o *ajeno* do vínculo e do próprio analista no encontro clínico; 2) as possibilidades de conferir expressão ao sofrimento psíquico e nomear traumatismos sociais que desenham os contornos da subjetividade (Emidio et al., 2023; Maia et al., 2023; Puget, 2017b).

No que concerne ao primeiro impasse, a partir de Puget (2015, 2017b), entendemos que questionar a contingência de o outro escancarrar, por meio de sua presença, o *ajeno* é próprio a todo encontro analítico. Enquanto construção vincular, o encontro ensina a quebra de nossas certezas ilusórias e nos mostra que há sempre a incidência de um inominável, um *mais além* e um *mais ainda* que involucram algo novo, até então desconhecido, que se apresenta de forma enigmática como um desafio ao domínio do eu.

Assim como qualquer vínculo, a clínica psicanalítica pressupõe um encontro com a radicalidade da diferença. Esse encontro produz diferença e uma experiência de alteridade¹⁰ ligada à radicalidade do objeto da psicanálise. Suportar o impacto do colapso das certezas que a aproximação com o outro produz exige tolerar a incerteza constitutiva dos vínculos, um pressuposto do fazer clínico. Daí a necessidade, segundo Puget (2011, 2017a), de reconhecermos a incompletude de nossas concepções teóricas. Sendo assim, estar com alguém na clínica pressupõe que, a partir da nascente do encontro analista-analisando, a dupla estará sempre na iminência de produzir algo novo, incerto, instável e mutável.

10 O pensamento de Puget foi influenciado pelo humanismo ético de Emmanuel Lévinas (1961/2000), filósofo de origem lituana naturalizado francês, considerado um dos principais pensadores do século 20. Ele propõe repensar a ética como fundamento da filosofia, criticando a tradição filosófica ocidental por priorizar a autonomia do sujeito, pois considera que a filosofia deveria partir do outro, e não do eu. Além disso, para ele a relação com o outro precede a ontologia e constitui a base da experiência humana. Sua ética da responsabilidade em relação ao outro fundamenta-se na defesa da vida. É uma ética centrada no cuidado com o outro, baseando-se na ideia de que o outro é fundamentalmente diferente de nós, e que devemos reconhecer e respeitar essa diferença em vez de tentar reduzi-la ou apagá-la.

Partindo dessa leitura, poderíamos compreender o encontro clínico como algo da ordem do acontecimento,¹¹ uma vez que essa ideia demarca que situações de novidade irrompem de maneira imprevisível e ainda não vivida, não pensada e não elaborada. Também é possível que a *ajenidad* incida no encontro clínico como um acontecimento. Há sempre uma novidade radical que se anuncia na presença ou, em outras palavras, uma *incertidumbre* colocada no vínculo entre analista e analisando, que pode romper ou modificar concepções estabilizadas. É necessário que a escuta psicanalítica esteja aberta a essa incerteza, possibilitando o trabalho criativo com as diferenças, ou seja, o trabalho vincular diante das novidades que afloram no e pelo encontro.

Cabe destacar a diferenciação proposta pela autora entre os conceitos de conhecimento e reconhecimento: este se refere à relação estabelecida consigo mesmo, à necessidade de se (re)conhecer nos outros e nas situações vividas, porém sem se abrir para o novo; aquele, por outro lado, permite que o outro interroge nossas concepções e altere nossas convicções, exigindo uma renúncia ao que já conhecemos (ou pensamos conhecer) em nós para poder nos lançar à aventura de nos deixar permear por algo diferente do já sabido – alheio, portanto.

Assim, podemos construir um saber a partir da indeterminação, do choque sísmico de representações ideativas, o que é possibilitado pelo trabalho da curiosidade (Puget, 2003, 2015). A autora admite que não é fácil reconhecermos que nossas ideias e ideais não são fixos e monolíticos, e que o fazer clínico, portanto, está em constante transformação, em conjunção com a dinâmica mutável da vida em seu devir incessante. Estamos sempre em movimento e engajados no processo de “fazer com” outros, um trabalho vincular que caminha sobre areia movediça, porque não há garantias de um desenlace tranquilo, previsível e apaziguador.

Para Puget (2019), o encontro com o outro tem efeito perturbador. Um dos modos possíveis de se defender e mitigar o impacto do conhecimento do diferente se revela no uso indiscriminado de uma lógica determinística. Essa defesa se ancora em uma percepção da subjetividade que parte apenas de marcas psíquicas pré-instituídas. Nesse apontamento, entendemos que

11 O conceito de *acontecimento* provém do arcabouço teórico de Alan Badiou (1988/1996), filósofo francês preocupado com a causa dos trabalhadores e com a influência das rupturas sociais na subjetividade. Segundo o autor, *acontecimento* é um movimento que instaura uma novidade radical que rompe com a estrutura anterior em si inapreensível, sendo o sujeito o responsável por nomear o acontecimento. A ideia foi recuperada por Puget (2000, 2005, 2017b) no contexto de seus estudos sobre traumatismos sociais. Na concepção da autora, a noção de *acontecimento* é dividida em duas categorias: a primeira diz respeito a eventos que representam um excesso para uma dada estrutura e que colocam uma novidade, porém conservando parte da realidade anterior; a segunda, a acontecimentos puros, que se desprendem totalmente da estrutura anterior, e seu ineditismo e sua total imprevisibilidade realçam a *incertidumbre* (Puget, 2005).

Puget concebe o encontro clínico a partir da confluência de uma gama de pressupostos teóricos, inclusive a respeito da construção intrassubjetiva de cada um, porém compreendendo essas premissas como não fixas, como pura contingência. O outro desvela-se, assim, na sua condição de inacabamento e no caráter fugaz dos saberes produzidos, abrindo caminho para a possibilidade de conceber um fazer clínico novo que se produz a cada encontro, não se deixando aprisionar pelo conforto proporcionado pelo (re)conhecimento da teoria. Essa postura interrogante, que sustenta a posição de não saber e a *incertidumbre* da função analítica, permite que floresçam a curiosidade e o desenvolvimento de novas concepções e conjecturas até então insuspeitadas, mobilizando desdobramentos futuros.

Os impasses frente aos quais a autora desenvolveu seu pensamento psicanalítico não se limitaram a questões intersubjetivas que atravessavam a clínica. Em sua longa e prolífica vida profissional, também se deparou com as consequências de violências sociais não reconhecidas, como a barbárie institucionalizada por uma ditadura militar sangrenta que aterrorizou a Argentina na década de 1970 (Puget, 2011, 2015, 2017b). Assim, como testemunha de seu tempo, Puget apontou para a relevância de considerar e oferecer escuta sensível e diferenciada aos acontecimentos traumáticos que se impunham no nível transubjetivo.

Considerar esse tipo de sofrimento psicossocial demandaria, na visão da autora, transmutações sociais que implicam a imediata inclusão e validação do direito de existência de sujeitos sistematicamente confinados à margem da vida. Ela salienta também a importância de nos preocuparmos com o modo como a psicanálise nos incumbe quando aparecem sinais de violências sociais em uma sessão, por serem muitas vezes áreas mudas e congeladas que, no campo analítico, encontram lugar seguro para serem expressas e degeladas, e finalmente ditas e meditadas. O enquadre, nesse caso, funcionaria como uma caixa de ressonância que interroga o silenciamento e nos convida a pensar: *e o que mais?*

A obra de Puget aponta para uma prática implicada social e politicamente, capaz de resguardar o direito do outro de ter voz e nome, diante de acontecimentos que muitas vezes margeiam o limite do suportável, tendo em vista que alguns sofrimentos provêm do entorno transubjetivo do sujeito, e não somente de questões intersubjetivas. Ela explicita a relevância de considerarmos, no campo do cuidado em saúde mental, a influência dos momentos de fragilidade decorrentes das rupturas de pactos sociais e políticos, com seu caráter potencialmente desagregador e traumático, indutor de dessubjetivação¹². Isso

12 Termo que se refere ao processo de despersonalização ou perda da subjetividade, no qual o indivíduo deixa de ser visto como sujeito com pensamentos e sentimentos próprios e passa a ser tratado de maneira impessoal ou objetiva.

é particularmente válido quando a crueldade – resultante do esgarçamento de garantias mínimas de liberdade, dignidade e qualidade de vida – é legitimada pelo Estado, impondo narrativas parciais e excludentes. Experiências des-subjetivantes obstruem o trabalho vincular, uma vez que elidem a diferença, escorraçada com o sujeito para um lugar de abjeção e desumanização (Maia & Santos, 2022; Santos et al., 2020).

Um tipo de impasse clínico muito presente na obra de Puget dissecou os traumatismos sociais, quando analisando e analista vivem sob um mesmo contexto social de violência que se impõe como padrão de normalidade (Puget, 2017b). É possível sustentar que ainda se trata de um acontecimento para ambos, uma *apresentação* que demanda trabalho psíquico na busca de perlaboração, inclusive do próprio analista. A autora salienta a dificuldade de intervir quando ambos compartilham o mesmo cenário de desumanização e propõe um tipo de intervenção exequível nessa situação, a partir de um analista que pode “conversar” com seus analisandos. Isso vale também para outros contextos em que precisamos “continuar sendo” analistas em um trabalho que não consista em fazer interpretações, mas em nos dispor a pensar juntos e a irmos cocriando possibilidades ancoradas em uma atividade vincular. Imbuídos desse pensamento, buscamos maneiras inéditas de dar contorno de palavra a sofrimentos intraduzíveis, provenientes de zonas silenciadas, experiências fragilizadoras e promotoras de rupturas sociais (Maia et al., 2023).

Considerações finais

As contribuições de Janine Puget esboçam uma compreensão dos impasses teórico-clínicos presentes na clínica psicanalítica contemporânea. Assim, apresentamos uma reflexão a partir do seu trabalho original, pois, ao problematizar alguns conceitos tradicionais, ela inspirou novas formas de exercitar o cuidado com o outro, como um ato de potência e partilha.

Considerando as construções teóricas sintetizadas neste estudo, a ideia central é que uma clínica que articula os espaços intra/inter/transsubjetivos contribui para dissolver alguns impasses teórico-clínicos com os quais nos deparamos na lida diária com o inconsciente.

A psicanálise, desde seus fundamentos, mostra-se como um saber não todo e em permanente transformação. Levar em conta essa marca de incompletude e transiência é um dos esteios que sustentam a postura ética do psicanalista. Se, por um lado, reconhecer que as verdades são provisórias e não totalizantes pode eliciar reações narcísicas hostis ou favorecer um apelo irresistível a buscar explicações causais e determinísticas, por outro lado foi esse pressuposto e seus impasses que permitiram o avanço da teoria e da técnica psicanalítica em suas diversas vertentes e matrizes teóricas.

Essa tese não é exclusividade do pensamento de Puget, mas sem dúvida podemos identificar esse posicionamento ético-político como ponto de amarração de sua contribuição teórica e prática. Para a autora, qualquer encontro humano, inclusive na clínica, produz uma novidade – contato com o desconhecimento – e uma diferença radical – *ajenidad*. Deparar-se com o novo pode levar a turbulências vinculares que, se convenientemente toleradas com as inevitáveis desilusões que ativam, permitem colocar *em presença*, por meio da transferência, uma potência mutativa ao fomentar um “fazer com”, constituindo um novo saber a partir do laço e da experiência vincular.

À vista dessas cogitações, Puget tece um elogio à crise ao reconhecer que, a partir da desestabilização das certezas ilusórias, podemos vislumbrar possibilidades de abertura para reconhecer a diferença, a novidade que inspira um gesto que permite desvendar imposições que o mundo social e a temporalidade presente condicionam como espaços para analisando e analistas transitarem, especialmente quando ambos compartilham o mesmo horizonte de incertezas e catástrofes iminentes.

Em “Análise terminável e interminável” (1937/2018a), Freud abordou os reveses que encontrou no trabalho analítico e ponderou que as dificuldades com que se deparou abalaram e modificaram algumas de suas convicções teóricas mais arraigadas. Partindo dessas premissas, Puget defende uma psicanálise que se faz e se desfaz e se refaz seguidamente na tecedura do vínculo em cada novo encontro no qual a alteridade se manifesta. Devemos ali comparecer de maneira criativa e aberta para acolher as diferenças e desestabilizar imposturas, convidando o outro para um “fazer com”. A ética da alteridade preocupa-se com a proteção da vida e da convivência humana (Lévinas, 1961/2000).

É justamente por seu caráter de transitoriedade, mutabilidade e inacabamento radical que o saber não todo alimenta aberturas que convidam o outro para a tecedura coletiva dos vínculos e de futuros possíveis, viabilizando um “fazer-com-os-outros” como recurso de fortalecimento diante das novas roupagens com que o inconsciente interpela o sujeito nas encruzilhadas do contemporâneo.

Psicoanálisis vincular y el elogio de los impasses teórico-clínicos: contribuciones de Janine Puget para la comprensión de las desilusiones en la clínica psicoanalítica contemporánea

Resumen: Con este estudio teórico-reflexivo, los autores buscan dialogar con las contribuciones de Janine Puget para comprender las desilusiones generadas por los impasses teórico-clínicos contemporáneos que encontramos en la clínica psicoanalítica. Las principales líneas de fuerza del pensamiento de la autora conciernen a la crítica de la insuficiencia de algunos conceptos clásicos del psicoanálisis, que ella redimensiona desde la perspectiva vincular, y a los traumatismos sociales que desbordan en la clínica, dando nuevos contornos a la constitución subjetiva. Los

autores concluyen con dos de las contribuciones más potentes de Puget: el elogio a la crisis, que se traduce en los impasses teórico-clínicos que experimentamos y que, según la autora, deben ser reelaborados como alimento del pensamiento psicoanalítico, y la exaltación de la diferencia y de la curiosidad, partiendo del presupuesto de que el saber sobre el inconsciente es siempre no-todo y tiene carácter de construcción provisoria e impermanencia.

Palabras clave: vínculo, trauma, escucha psicoanalítica, psicoanálisis de las configuraciones vinculares

Linking psychoanalysis and the praise of theoretical-clinical impasses: Janine Puget's contributions to understanding disillusionments in contemporary psychoanalytic practice

Abstract: In this theoretical-reflective study, the authors aim to dialogue with Janine Puget's contributions to understanding the disillusionment generated by contemporary theoretical-clinical impasses that we encounter in psychoanalytic practice. The main lines of force in the author's thinking concern the critique of the insufficiency of some classic psychoanalytic concepts, which she redimensions from a relational perspective, and the social traumas that overflow in clinical practice, giving new contours to subjective constitution. The authors conclude with two of Puget's most powerful contributions: her praise of the crisis, which translates into the theoretical-clinical impasses we experience and which, according to her, should be reworked as nourishment for psychoanalytic thought, and the enhancement of difference and curiosity, based on the assumption that knowledge about the unconscious is always not-whole and has the character of provisional construction and impermanence.

Keywords: link, trauma, psychoanalytical listening, psychoanalysis of linking configurations

Psychanalyse des configurations du lien et l'éloge des impasses théorico-cliniques : contributions de Janine Puget à la compréhension des désillusions dans la clinique psychanalytique contemporaine

Résumé : Avec cette étude théorico-réflexive, les auteurs se proposent de dialoguer avec les contributions de Janine Puget pour comprendre les désillusions générées par les impasses théorico-cliniques contemporaines auxquelles nous sommes confrontés dans la clinique psychanalytique. Les principales lignes de force de la pensée de l'autrice concernent la critique de l'insuffisance de certains concepts classiques de la psychanalyse, qu'elle redimensionne à partir de la perspective du lien, et les traumatismes sociaux qui débordent dans la clinique, donnant de nouveaux contours à la constitution subjective. Les auteurs concluent avec deux des contributions les plus puissantes de Puget : l'éloge de la crise, qui se traduit dans les impasses théorico-cliniques que nous vivons et qui, selon l'autrice, doivent être réélaborées comme nourriture de la pensée psychanalytique, et la valorisation de la différence et de la curiosité, à partir du présupposé que le savoir sur l'inconscient est toujours pas-tout et a un caractère de construction provisoire et d'impermanence.

Mots-clés : lien, traumatisme, écoute psychanalytique, psychanalyse des configurations du lien

Referências

- Arendt, H. (2008). *Homens em tempos sombrios* (D. Bottmann, Trad.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1963)
- Badiou, A. (1996). *O ser e o evento* (M. L. X. A. Borges, Trad.). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1988)
- Berenstein, I. (1988). *Família e doença mental* (A. Friedmann, Trad.). Escuta.
- Berenstein, I. & Puget, J. (1993). *Psicanálise do casal* (F. F. Settineri, Trad.). Artes Médicas.
- Berenstein, I. & Puget, J. (2008). *Psychanalyse du lien: dans différents dispositifs thérapeutiques*. Érès.
- Birman, J. (2019). *Genealogias do narcisismo*. Instituto Langage.
- Emidio, T. S., Okamoto, M. Y. & Santos, M. A. (2023). Solidão e sobrecarga materna em tempos de pandemia de covid-19 à luz da escuta psicanalítica dos vínculos. *Psico-USF*, 28(3), 505-520.
- Freud, S. (2010a). Análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”). In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 6, pp. 173-320). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (2010b). História de uma neurose infantil (“O Homem dos Lobos”). In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 14, pp. 13-160). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1918)
- Freud, S. (2010c). O inconsciente. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 12, pp. 99-150). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (2010d). Por que a guerra? In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 18, pp. 417-435). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933)
- Freud, S. (2011). Psicologia das massas e análise do eu. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 15, pp. 13-113). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (2014). O futuro de uma ilusão. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 17, pp. 231-301). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1927)
- Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 6, pp. 13-172). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (2018a). Análise terminável e interminável. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 19, pp. 274-326). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1937)
- Freud, S. (2018b). Moisés e o monoteísmo. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 19, pp. 13-188). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1939)
- Gay, P. (1989). *Freud: uma vida para o nosso tempo* (D. Bottmann, Trad.). Companhia das Letras.
- Kaës, R. (2011). A realidade psíquica do vínculo. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 45(4), 155-166.
- Kopittke, C. (2021). Estrutura familiar inconsciente. In R. Levisky, M. L. Dias & D. L. Levisky (Orgs.), *Dicionário de psicanálise de casal e família* (pp. 192-197). Blucher.
- Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise. In J. Lacan, *Escritos* (V. Ribeiro, Trad., pp. 238-324). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1953)
- Laplanche, J. & Pontalis, J. (1998). *Vocabulário da psicanálise* (P. Tamen, Trad., 3ª ed.). Martins Fontes.
- Lévinas, E. (2000). *Totalidade e infinito: ensaio sobre a exterioridade* (J. P. Ribeiro, Trad.). Edições 70. (Trabalho original publicado em 1961)

- Maia, B. B. & Santos, M. A. (2022). Crueldade: a máscara do tirano. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 56(1), 117-132.
- Maia, B. B., Santos, M. A. & Okamoto, M. Y. (2023). Memória, desmentida e traumatismo social sob a ótica da psicanálise vincular. *Psicologia USP*, 34, e200214.
- Moguillanski, R. & Nussbaum, S. L. (2011). *Psicanálise vincular: teoria e clínica: fundamentos teóricos e abordagem clínica do casal e da família* (S. M. Dolinsky & M. D. Claudino, Trans., Vol. 1). Zagodoni.
- Nogueira, I. B. (2021). *A cor do inconsciente: significações do corpo negro*. Perspectiva.
- Pichon-Rivière, E. (2009). *O processo grupal* (M. A. F. Velloso, Trad., 8ª ed.). WMF Martins Fontes.
- Puget, J. (1995). Vínculo-relación objetal em su significado instrumental y epistemológico. *Psicoanálisis APDEBA*, 17(2), 415-427.
- Puget, J. (2000). Traumatismo social y sentimiento de pertenencia: memoria social, memoria singular. *Psicoanálisis APDEBA*, 22(2), 455-473.
- Puget, J. (2003). Intersubjetividad: crisis de la representación. *Psicoanálisis APDEBA*, 25(1), 175-290.
- Puget, J. (2005). El trauma, los traumas y las temporalidades. *Psicoanálisis APDEBA*, 27(1), 293-310.
- Puget, J. (2011). Las violencias en diferentes situaciones. *Psicoanálisis*, 33(1), 117-131.
- Puget, J. (2015). *Subjetivación discontinua y psicoanálisis: incertidumbre y certezas*. Lugar.
- Puget, J. (2017a). Algo acerca del concepto de diferencia. *Psicanálise (Porto Alegre)*, 19(2), 82-94.
- Puget, J. (2017b). Violencias ayer y hoy. *Psicoanálisis*, 39(1), 89-100.
- Puget, J. (2019). Diversidad y homogeneización. In J. Puget, A. Toborda & E. Toranzo (Orgs.), *Psicoanálisis: espacio para la transdisciplinariedad del ser y nacer epocal* (pp. 11-20). Nueva Editorial Universitaria.
- Roudinesco, E. (2016). *Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo* (A. Telles, Trad.). Zahar.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise* (V. Ribeiro & L. Magalhães, Trans.). Jorge Zahar.
- Santos, M. A., Ciani, T. A., Pillon, S. C., Vedana, K. G. G., Miaso, A. I., Souza, J., Colleti, M., Risk, E. N., Maçaranduba, P. E. R. & Oliveira-Cardoso, E. A. (2017). Clínica das configurações vinculares: do estabelecimento do vínculo terapêutico às transformações possíveis. *Vínculo*, 14(2), 45-57.
- Santos, M. A., Okamoto, M. Y., Emídio, T. S. & Maia, B. B. (2020). As tramas do trabalho vincular: contribuições psicanalíticas para pensar os impasses e ideais contemporâneos. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 54(4), 117-132.
- Souza, N. S. (2021). *Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Companhia das Letras.

Recebido em 27/1/2025, aceito em 10/3/2025

Bruna Bortolozzi Maia
b.bortolozzimaia@gmail.com

Manoel Antônio dos Santos
masantos@ffclrp.usp.br

doi: 10.69904/0486-641X.v59n1.12